

Resenha do livro:

RICARDO, Antunes L. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho, São Paulo: Boitempo, 2005.

Resenha por Cláudia Aparecida Moraes Mariano - UFU

O CARACOL E SUA CONCHA: ENSAIOS SOBRE A NOVA MORFOLOGIA DO TRABALHO

O livro "O Caracol e sua Concha - ensaios sobre a morfologia do trabalho" é uma importante obra do professor e sociólogo Ricardo Antunes, lançado em setembro de 2005 no Brasil pela Editora Boitempo. Nele o autor analisa a questão do trabalho no capitalismo contemporâneo e seus desdobramentos. Para enriquecer a análise trás para o diálogo autores como: Marx, Weber, Habermas, André Gorz, Robert Kurz, Mészáros, Dominique Méda, João Bernardo, Vasapollo e Martufi entre outros.

O trabalho discorre sobre a defesa de suas teses acerca da centralidade do trabalho no mundo. Contrário às teorias que tentam desconsiderar a importância do trabalho na sociedade, ele argumenta que as transformações tecnológicas influem nas formas de exploração e acumulação do capital, mas não retiram do trabalho seu papel central. Contudo, o autor tem o cuidado de não se deixar levar pelas análises que fazem uma defesa acrítica acerca do trabalho; em suas palavras "se por um lado, necessitamos do trabalho humano, reconhecemos seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social" (p. 14, 2005)

A obra resulta de um conjunto de doze ensaios escritos pelo autor entre os anos de 2000 e 2005. Trabalhos esses oriundos do projeto de pesquisa intitulado 'Para onde vai o mundo do trabalho?' financiado pelo CNPq desde 1992. Logo na introdução o autor diz que a obra é apenas "uma coletânea absolutamente despretensiosa, desdobramento livre de algumas teses apresentadas anteriormente", (p. 21, 2005) mas na realidade o que percebemos é uma atualização de conceitos e argumentos importantes para o entendimento das transformações ocorridas no mundo do trabalho e seus desdobramentos.

Chama-nos a atenção o instigante título do livro que se refere a uma passagem de "O Capital", em que Marx faz uma analogia entre o trabalhador e seus meios de produção e o Caracol e sua concha, visto que da mesma forma que o caracol não pode ser separado de sua concha, o trabalhador também não deve ser separado dos meios de produção, afinal estes são sua proteção assim como a concha o é para o caracol. Nessa perspectiva, segundo o autor o desafio da sociedade atual é recuperar a indissolúvel unidade entre o trabalhador e seus meios de produção.

O Livro aborda o presente e o futuro das relações capital-trabalho, tendo como centro das discussões a relevância do trabalho na atualidade, o que contraria a corrente eurocêntrica pautada na repercussão do progresso científico-tecnológico que advoga o perecimento e a desaparecimento do mesmo. Para tanto trás à tona questões importantes como a suposta tese do fim da classe que vive do trabalho, o desemprego estrutural que tem atingido um grande número de trabalhadores, inclusive nos países mais ricos do sistema além da crescente exploração rentista na era da qualidade total na qual

O apregoado desenvolvimento dos processos de 'qualidade total' converte-se na expressão fenomênica, involucral, aparente e supérflua de um mecanismo produtivo gerador do descartável e do supérfluo, condição

para a reprodução ampliada do capital e seus imperativos expansionistas e destrutivos. (ANTUNES, 2005, p. 43)

Antunes trata também da noção de classe trabalhadora, que a seu ver hoje é mais abrangente que a noção de classe trabalhadora de meados do século passado, é mais complexa, heterogênea e fragmentada que a que predominou no período de auge do sistema taylor/ford. Discorda também dos que entendem como classe trabalhadora somente o proletariado industrial e ainda da idéia que reduz o trabalho produtivo exclusivamente ao universo fabril.

O autor considera como classe trabalhadora todos aqueles que vendem sua força em troca de salário e são desprovidos de meios de produção: proletariado industrial e rural, os trabalhadores terceirizados, subcontratados, temporários, os assalariados do setor de serviços, os trabalhadores de *telemarketing* e *call Centers*, além dos desempregados, mas exclui os gestores do capital e os que vivem de juros e da especulação. Nesse sentido, o autor lança o desafio de se compreender o mosaico de formas, que configura a classe trabalhadora atual, considerando seu caráter polissêmico e multifacetado.

Nessa nova conformação da classe trabalhadora tem-se de um lado um enorme aumento do subproletariado fabril e de serviços. E de outro lado, uma minoria de trabalhadores qualificados, polivalentes e multifuncionais, com maior possibilidade de executar a sua dimensão “intelectual” que foi relativamente desprezado pelo taylorismo-fordismo. Nota-se ainda um aumento dos assalariados médios; além de uma nova divisão social e sexual do trabalho, uma vez que há uma crescente feminização do mesmo; e ainda a expansão do terceiro setor, que vem incorporando trabalhadores que foram expulsos do mercado de trabalho formal, além da expansão do trabalho em domicílio permitida pela desconcentração do processo produtivo. Essas mudanças sinalizam um processo de metamorfose e não de eliminação da classe trabalhadora e, por conseguinte, uma nova morfologia e polissemia do trabalho.

Antunes aponta ainda para duas questões a nosso ver também muito importantes para o entendimento do papel da classe trabalhadora na contemporaneidade: a crescente imbricação entre o trabalho material e imaterial, fato que se presencia, por exemplo, nas atividades industriais mais informatizadas e nas esferas compreendidas pelo setor de serviços, entre outras, e a necessidade de entendermos as formas contemporâneas de agregação do valor-trabalho, pois segundo ele atualmente, a mais valia não é extraída apenas do plano material do trabalho, mas também do imaterial. Porém faz uma ressalva ao argumentar que o trabalho material ainda é predominante, em relação ao imaterial, principalmente quando se faz uma análise do capitalismo em escala global.

O autor chama a atenção também para as novas formas de confrontação social que para ele “são ações que articulam luta social e luta ecológica [...] são ações que articulam luta de classes com luta de gênero, ação social com luta ética” (p.37, 2005) e, em seguida, lista vários exemplos desses tipos de ações.

No capítulo intitulado “A Dialética do Trabalho” defende a tese de que operou se uma metamorfose básica no universo do trabalho humano sob as relações de produção capitalista, pois em vez de um trabalho como atividade vital, há uma forma de objetivação do trabalho, ou seja, a relação social estabelecida entre os seres sociais adquire a forma de uma relação entre coisas. No capítulo seguinte destaca o caráter multifacetado e polissêmico do mundo do trabalho analisando as principais conseqüências dessas mutações no interior da classe trabalhadora.

Ao finalizar o autor defende que o processo de emancipação da classe trabalhadora não pode ficar restrito aos âmbitos público e institucional. Mas que possa haver um

movimento de massas radical e extra parlamentar, que possa criar e inventar novas formas de atuação autônoma, capazes de articular lutas sociais, que possibilitem o resgate em bases totalmente novas da inseparável unidade entre o ‘trabalhador e seus meios de produção’.

Em síntese, a obra tem como ponto chave as discussões acerca da centralidade do trabalho na sociedade atual. O autor entende o trabalho como elemento ontologicamente essencial e fundante, como condição para a existência do homem diferentemente das teorias que tentam desconstruir a importância dessa categoria na atualidade. Mas alerta sobre a necessidade de recusa de um trabalho alienado, que ‘explora e infelicita o ser social’. Nessa direção argumenta que “uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho”. (p. 91, 2005).

A obra em questão se torna referência pela riqueza das análises abordadas, podendo ser de interesse de todos que conduzam estudos sobre as transformações no mundo trabalho e seus desdobramentos.